



## LEITURAS FEMINISTAS DE MERLEAU-PONTY: DO CORPO À IDENTIDADE

*Feminist interpretations of Merleau-Ponty: from body to identity*

Camila Palhares Barbosa \*

---

**Resumo:** Este texto tem como objetivo analisar o conceito de corpo em Merleau-Ponty e sua contribuição para uma leitura feminista. Para tanto, farei uma rápida revisão à recepção mais clássica de Merleau-Ponty por feministas como Simone de Beauvoir e Sara Heinämaa, que adotam a perspectiva fenomenológica. Também, focar na articulação mais política da proposta por Linda Alcoff de como a noção de “corpo habitual” de Merleau-Ponty contribui para uma interpretação identitária de gênero e raça.

**Palavras-chave:** Corpo, Feminismo, Fenomenologia, Merleau-Ponty.

**Abstract:** This article aims to analyze Merleau-Ponty’s conception of body and its contribution to a feminist reading. To do so, I will make a brief review of the phenomenological reception of Merleau-Ponty’s work by Simone de Beauvoir e Sara Heinämaa. Also, I will focus on the political articulation of Merleau-Ponty’s concept “habitual body” developed by Linda Alcoff, and how it contributes to an identity reading of gender and race.

**Keywords:** Body, Feminism, Merleau-Ponty, Phenomenology.

---

\* Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCRS. Bolsista CAPES/PROEX. E-mail: camilabarbosa.ri@gmail.com

## Introdução

A filosofia fenomenológica feminista tem contribuído para uma teoria que inclua a experiência do corpo e da própria perspectiva da mulher no debate sobre gênero. A ideia de um mundo sensorial e de significados próprios de uma experiência relacionada ao gênero posiciona a mulher – que, como uma categoria, ainda disputamos seu significado identitário e político – enquanto sujeitos da sua própria experiência. Como afirmou Beauvoir “há toda uma região da experiência humana que o homem escolhe deliberadamente ignorar porque malogra em pensá-la: essa experiência, a mulher a vive”<sup>1</sup>. Nesse sentido, em grande medida tanto Beauvoir, quanto Irigaray e Heinämaa buscam, através da fenomenologia, uma forma em que o corpo e sua relação com os objetos no mundo formam uma ontologia que fundamentam a experiência do ser mulher. Aqui, o ser mulher tem por bases diferenças sexuais que são em maior ou menor grau supra-históricas, que fundamentam a relação de homens e mulheres com o seu próprio corpo de formas diferentes. Beauvoir, por exemplo, no final das contas defende uma teoria das diferenças sexuais baseada em estruturas de sensibilidade<sup>2</sup>.

Embora Merleau-Ponty tenha recebido diversas críticas feministas sobre como seu conceito de corpo anônimo é, na verdade, “masculino e branco”<sup>3</sup>, os escritos do autor continuam a ser uma fonte relevante dos debates sobre gênero e raça. Para Ann Murphy, Merleau-Ponty ofereceu à teoria feminista uma concepção de “*becoming*” que é fundamental para as tentativas de situar a identidade como parte dos processos históricos, e, ao argumentar que identidade é uma “percepção encarnada”, desenvolve uma noção de gênero situado ao corpo, que oportuniza uma fuga das armadilhas essencialistas que comumente acabam por justificar a opressão de mulheres. Assim, Merleau-Ponty “Merleau-Ponty oferece um meio pelo qual a identidade de gênero pode ser pensada de maneira diferente, uma que evita os perigos do essencialismo”<sup>4</sup>. Na “*Fenomenologia da percepção*”, Merleau-Ponty traz a noção do corpo para o centro da noção de subjetividade, “meu corpo é o pivô do mundo: sei que os objetos têm várias faces porque eu poderia fazer a volta em torno deles, e neste sentido tenho consciência do mundo por meio de meu

<sup>1</sup> BEAUVOIR, Simone. *Segundo Sexo*. 2ª Ed. Tradução Sérgio Milliet. Difusão Européia do Livro: São Paulo, 1967, p. 377.

<sup>2</sup> “Primeiramente, haverá sempre certas diferenças entre o homem e a mulher; tendo seu erotismo, logo seu mundo sexual, uma figura singular, não poderá deixar de engendrar nela uma sensualidade, uma sensibilidade singular: suas relações com seu corpo, o corpo do homem, o filho, nunca serão idênticas às que o homem mantém com seu corpo, o corpo feminino, o filho; os que tanto falam de “igualdade na diferença” mostrar-se-iam de má-fé em não admitir que possam existir diferenças na igualdade” (BEAUVOIR, 1967, p. 499).

<sup>3</sup> MURPHY, A. “Feminism and race theory” em: “Merleau-Ponty: Key Concepts”. Org.: Diprose, R.; Reynolds, J. Routledge: Taylor & Francis Group, New York, 2008, p. 197.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 197.

corpo”<sup>5</sup>. E esse conceito de corpo que é situado, histórico e que cria um mundo perceptivo de significados que pretendo articular com um conceito de categórico de gênero no decorrer deste trabalho.

Para tanto, em um primeiro momento, retomo a articulação que feministas do campo da fenomenologia propõe a partir de alguns conceitos chaves sobre o corpo, intersubjetividade e identidade, principalmente focando na recepção de Simone de Beauvoir e Sara Hainämaa. Depois, foco na maneira como Linda Alcoff, que faz uma articulação mais política do feminismo, utiliza a noção de “corpo habitual” como central para uma concepção de identidade que é relacional, contextualizada e essencial para formação de um *Self*. Concluo esta análise sugerindo que os conceitos encontrados em Merleau-Ponty auxiliam para uma perspectiva mais complexa de como podemos pensar gênero enquanto categoria do ser e enquanto categoria política.

### 1. Merleau-Ponty e a fenomenologia feminista: Simone de Beauvoir e Sara Heinämaa.

Na “*Fenomenologia da percepção*”, Merleau-Ponty argumenta que o corpo exerce papel central para noção da intencionalidade, uma vez que é o próprio corpo responsável pela constituição do mundo sensível, “o mundo é não aquilo que penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável”<sup>6</sup>. Nesse sentido, o mundo e o *self* são entrelaçados de forma que expressar-se é expressar o mundo, que já é um evento que possui significação histórica e natural. Assim, a noção de corpo na obra de Merleau-Ponty ultrapassa a divisão entre objeto e sujeito, pois meu corpo é um objeto no mundo, mas também é o veículo pelo qual dou significado ao mundo. Adaptando a ideia de “*being-in-the-world*” de Heidegger, para Merleau-Ponty o “ser no mundo” media significado, “a ambiguidade do ser no mundo se traduz pela ambiguidade do corpo, e esta se compreende por aquela do tempo”<sup>7</sup>. Ainda, Merleau-Ponty traz o problema da intersubjetividade para constituição do *Self*. Segundo o autor não sou apenas consciente da minha subjetividade, como também posso perceber outras subjetividades alheias ao meu eu.

Para Merleau-Ponty “nem o corpo nem a existência podem passar pelo original do ser humano, já que cada um pressupõe o outro e já que o corpo é a existência imobilizada ou generalizada, e a existência uma encarnação perpétua”<sup>8</sup>, foi essa concepção de que a existência precede a essência que Simone de Beauvoir articulava quando disse que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. O corpo, para Beauvoir, é “instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes

<sup>5</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Martins Fontes: São Paulo, 2006, p. 122.

<sup>6</sup> Ibid., p. 14.

<sup>7</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Martins Fontes: São Paulo, 2006, p. 126.

<sup>8</sup> Ibid., p. 230.

sexuais que apreendem o universo”<sup>9</sup>, assim, a experiência do corpo da mulher, que vive essas dinâmicas de opressão, se torna única. A partir dessa experiência do corpo enquanto uma categoria de gênero, que Beauvoir define as diferenças sexuais entre homens e mulheres:

A mulher não se define nem por seus hormônios nem por misteriosos instintos e sim pela maneira por que reassume, através de consciências estranhas, o seu corpo e sua relação com o mundo; o abismo que separa a adolescente do adolescente foi cavado de maneira concertada desde os primeiros anos da infância; não há como impedir mais tarde que a mulher não seja o que foi feita e ela arrastará sempre esse passado atrás de si; em se lhe medindo o peso, compreende-se à evidência que seu destino não se acha fixado na eternidade<sup>10</sup>.

Beauvoir parece assumir uma noção de sujeito próxima a de Merleau-Ponty, em que o corpo se entrelaça com o mundo, constituindo significado e história. Para Heinämaa, a inspiração de Beauvoir em Merleau-Ponty é clara: “para avaliar o trabalho de Beauvoir, é crucial retomar aos escritos e estudos de Merleau-Ponty e sua forma de apresentar a questão da encarnação”<sup>11</sup>. Isso porque a diferença sexual, na obra de Beauvoir, é fenomenológica, é uma experiência vivida que não pode ser separada entre mental ou física, natural ou cultural.

Segundo Heinämaa, a descrição fenomenológica do gênero em Beauvoir permite uma generalização da experiência da mulher que ignora a pluralidade histórico-cultural pela qual esses corpos encarnam sua identidade<sup>12</sup>. As diferenças sexuais, nessa leitura, não são formadas apenas a partir de tipos biológicos, ou tipos histórico-culturais, mas como tipos perceptivos que são significados aos gêneros masculino/feminino. Esses tipos são constituídos a partir dos movimentos corporais quem entrelaçam o corpo ao mundo, que constituem os hábitos que dão concretude a nossa materialidade de ser, como por exemplo, “caminhar, andar, jogar, sentar, tocar, olhar, falar”<sup>13</sup>. Todos esses pequenos hábitos definem e embasam nossa experiência de mundo enquanto generificada. Aqui, Heinämaa adota a noção de hábito em Merleau-Ponty:

Os lugares do espaço não se definem como posições objetivas em relação à posição objetiva de nosso corpo, mas eles inscrevem em torno de nós o alcance variável de nossos objetivos ou de nossos gestos. Habituar-se a um chapéu, a um automóvel ou a uma bengala é instalar-se neles ou, inversamente, fazê-los participar do caráter volumoso de nosso corpo próprio. O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos<sup>14</sup>.

<sup>9</sup> BEAUVOIR, Simone. *Segundo Sexo*. 2ª Ed. Tradução Sérgio Milliet. Difusão Européia do Livro: São Paulo, 1967, p. 9.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 494.

<sup>11</sup> HEINÄMAA, Sara. *What Is a Woman? Butler and Beauvoir on the Foundations of the Sexual Difference*. *Hypatia*, Vol. 12, No. 1, pp. 20-39, 1997, p. 25.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 133.

<sup>13</sup> HEINÄMAA, Sara. *What Is a Woman? Butler and Beauvoir on the Foundations of the Sexual Difference*. *Hypatia*, Vol. 12, No. 1, pp. 20-39, 1997, p. 142.

<sup>14</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Martins Fontes: São Paulo, 2006, p. 199.

Com isso, Heinämaa desenvolve uma fenomenologia feminista que, ao invés de focar nos conceitos, consiga compreender os fenômenos sociais enquanto tipos de experiências que constituem e tornam materiais as experiências de gênero. Contudo, essa experiência não pode ser constituída de maneira generalizada ou absoluta, uma vez que existem várias formas de experiências do mundo e do corpo enquanto mulher.

Mulheres também existem em diferentes tipos e variações; algumas nascem mulheres, alguns se transformam em mulheres; algumas desejam homens, algumas desejam outras coisas; muitas mulheres são à luz, mas também tornam ideias e discursos em gêneros; algumas têm pele branca, algumas pele marrom, algumas pele preta; e ainda algumas se identificam por ancestralidade, religião ou linguagem. Todas essas diferenças merecem nossa atenção filosófica<sup>15</sup>.

Merleau-Ponty não foi referência apenas para essas leituras em alguma medida materialistas da categoria de gênero, mas também possibilitou uma concepção de sujeito que articulam um feminismo pós-moderno, como no caso de Luce Irigaray, por exemplo. Também fundamenta uma leitura mais voltada para os aspectos políticos das diferenças sexuais e constituição de identidade da mulher, como nos textos de Iris Marion Young e Linda Alcoff, que certamente merecem uma atenção mais específica.

### **Linda Alcoff e as identidades corporificadas: corpo, gênero e raça**

Em *Visible Identities*, Alcoff analisa a construção de identidades vinculadas à raça e gênero enquanto intimamente relacionadas com a experiência social do corpo, uma vez que são marcadas por características essencialmente fisiológicas. Para Alcoff, fatores como raça e gênero são experiências vividas pelo corpo de forma material e que são visíveis enquanto um fenômeno imediato<sup>16</sup>. Nesse sentido, Alcoff argumenta que a identidade social é uma experiência vivenciada pelo corpo, e que raça e gênero, por exemplo, são características corpóreas que ganham significado e materialidade social a partir das dinâmicas de aproximação ou aversão com o mundo externo ao *Self*. Assim, o corpo que é localizado historicamente, vincula-se a um mundo de significados que torna a própria identidade real. A tese central do texto de Alcoff é que identidades são contextualizadas, relacionais e fundamentais para a concepção de *Self* de indivíduos.

A partir de marcadores sociais (como raça e gênero, no argumento de Alcoff), indivíduos “criam experiências do mundo como receptivo, amigável, julgador, céticos, intrusivo ou frio”<sup>17</sup>. Essas expectativas sociais encarnadas, por sua vez, geram padrões de expectativas que se transformam nos

<sup>15</sup> HEINÄMAA, Sara. *What Is a Woman?* Butler and Beauvoir on the Foundations of the Sexual Difference. *Hypatia*, Vol. 12, No. 1, pp. 20-39, 1997, p. 150.

<sup>16</sup> ALCOFF, Linda. *Visible Identities: Race, Gender and the Self*. Oxford University Press: Oxford, 2005, p. 102.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 91.

hábitos que dão um caráter único as identidades individuais. Com isso, sem as experiências pelas quais meu corpo, com todas suas particularidades, vivencia o mundo, não consigo reconhecer a mim mesmo e minha relação com aqueles a minha volta.

A identidade racial ou de gênero de alguém é fundamental para a concepção de interações sociais e familiares desta pessoa. Contribui para a percepção de eventos – para interpretação de conversas, reportagens de mídia, e teorias sociais – e determina em grande parte o status entre a comunidade e a forma pela qual muito do que alguém diga ou faça é interpretada por outros<sup>18</sup>.

A partir dessa narrativa, Alcoff retoma o conceito de Merleau-Ponty acerca do “corpo habitual” para definir as experiências sociais da identidade racial, uma vez que as classificações raciais acontecem através do campo perceptivo da diferença. Merleau-Ponty descreve percepção como não presumindo a verdade, mas definindo o acesso à verdade, assim, a percepção corporificada dos objetos no mundo. A noção de “corpo habituado” e da experiência perceptiva de Merleau-Ponty é útil para as atribuições raciais na medida em que a percepção de raça não existe necessariamente enquanto fenômeno social consciente constituído de significados, mas é simplesmente uma percepção, uma experiência corporificada do desconforto e aversão do outro<sup>19</sup>.

A noção de “*embodiment*” em Merleau-Ponty oferece uma concepção não determinista, não transparente da experiência. Experiências importam, mas seus significados para nós são tanto ambíguos quanto dinâmicos. Nós somos corporificados, ainda assim não reduzidos à determinação física imaginada com existente fora do nosso lugar em uma cultura e na história. Essa concepção ajuda a capturar a dialética das identidades sociais, nas quais nós estamos tanto inter-relacionados com categorias já existentes, como as tornando próprias<sup>20</sup>.

É nesse sentido, do campo perceptivo, que Alcoff justifica a importância da visibilidade do corpo para compreensão social, uma vez que a é diferença perceptiva que permite a categorização racial naturalize os significados raciais. Embora a raça não seja biológica, da mesma forma que gênero, ela precisa ser trabalhada dentro do campo visível e perceptivo, pois é a partir destes que raça ganha sua materialidade de significado no mundo. O registro visual do indivíduo no mundo, portanto, opera na construção das noções sociais do corpo, e a autoconsciência da raça “tem seu próprio corpo habituado, criado por respostas individuais ao racismo, e do desafio do outro racial<sup>21</sup>”.

O reconhecimento da identidade enquanto fenômeno subjetivo, e as interações sociais relacionadas com essas identidades, como as de opressão e desigualdades, não podem transcender a identidade corporificada e a visibilidade desses corpos enquanto parte necessária da composição política e moral. Assim, a aproximação de Alcoff à noção de corpo em Merleau-Ponty é mais aproximada de uma

<sup>18</sup> ALCOFF, Linda. *Visible Identities: Race, Gender and the Self*. Oxford University Press: Oxford, 2005, p. 92.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 197.

<sup>20</sup> ALCOFF, Linda. *Visible Identities: Race, Gender and the Self*. Oxford University Press: Oxford, 2005, p. 111.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 194.

ideia de historicidade e de socialização do que de feministas da fenomenologia, como Simone de Beauvoir e Iris Young, pois as marcas corporificadas que sustentam um sistema de diferenças sexuais são apoiadas por um tipo de sistema que é “constituída e se constitui historicamente por práticas e instituições culturalmente específicas”<sup>22</sup>.

Como apontado por Alcoff, a neutralidade do corpo costuma representar um pensamento que é masculino, branco e heteronormativo, que ao universalizar a partir de uma perspectiva muito particular desse grupo dominante, ignora demandas importantes sobre representatividade, redistribuição e justiça. Assim, torna-se evidente que o silenciamento dos corpos presentes nas interações sociais dificulta a análise dos sistemas estruturados de violência sociais. O registro visual e a experiência das particularidades do corpo são componentes pertencentes à ideia de identidade e pela forma como as interações sociais ocorrem. Por isso, Alcoff defende que a experiência habitual destes corpos precisa ser visível, capazes de constituir seu próprio universo de significado e relação com o mundo externo.

### **Alguns apontamentos finais**

Uma noção intersubjetiva do corpo-mundo, como desenvolvida por Merleau-Ponty, contribui para articulação de teorias sobre diferenças sexuais que façam uma interlocução entre tipos de experiências encarnadas com os aspectos históricos e sociais que pelo qual os corpos se tornam sexo e gênero. Também, uma narrativa sobre os hábitos que tornam conscientes a nossa perspectiva de identidade, possibilitam que teorias feministas utilizem e se fundamentem em Merleau-Ponty para descrever a forma, ou as formas, peculiares que a experiência da mulher seja desenhada a partir de um ponto de vista próprio.

Assim, os conceitos-chaves de Merleau-Ponty, principalmente na “*Fenomenologia da Percepção*” e no “*Visível e o invisível*”, podem ser colocados no centro das principais questões do feminismo contemporâneo: a existência de categorias de gênero que representem um ser mulher social; e, na contextualização e constituição de identidades encarnadas por experiências intersubjetivas. A ideia de corpo em Merleau-Ponty possibilita retomarmos o papel filosófico e militante da perspectiva da mulher.

O corpo é importante para compreensão da nossa própria identidade e da forma como me encontro politicamente na sociedade, e essa identidade é fundamental para determinação da política. Os aspectos identitários abordados neste texto são partes essenciais da experiência individual e coletiva, e, portanto, impactam como determinados grupos entendem moralidade, democracia e justiça, por exemplo. Ainda, temos a relação com o próprio corpo e a maneira como esse corpo é representado/simbolizado socialmente

<sup>22</sup> ALCOFF, Linda. *Visible Identities: Race, Gender and the Self*. Oxford University Press: Oxford, 2005, p. 110.

como determinando em parte a possibilidade de ação política, capacidade de circular por espaços de poder, aceitação social.

A visibilidade dessas diversas identidades e os sistemas de linguagem e símbolos que compreendem sua existência no mundo da vida coloca em cheque a perspectiva dominante e silenciadora da universalização do masculino e do branco enquanto conceitos neutros sociais. O corpo traz consigo uma formação complexa de identidade que expõe, através da própria experiência, o silenciamento, a exclusão, as violências estruturais e os caminhos futuros para a participação democrática e redistribuição sociais mais justos e igualitários.

### Referências

- ALCOFF, Linda. *Visible Identities: Race, Gender and the Self*. Oxford University Press: Oxford, 2005.
- BEAUVOIR, Simone. *Segundo Sexo*. 2ª Ed. Tradução: Sérgio Milliet. Difusão Européia do Livro: São Paulo, 1967.
- HEINÄMAA, Sara. *A Phenomenology of Sexual Difference: types, styles and persons*. C. Witt (ed.), *Feminist Metaphysics*, Feminist Philosophy Collection, 2011.
- HEINÄMAA, Sara. *What Is a Woman? Butler and Beauvoir on the Foundations of the Sexual Difference*. *Hypatia*, Vol. 12, No. 1, pp. 20-39, 1997.
- MARION-YOUNG, I. *Justice and the Politics of Difference*. Princeton University Press: New Jersey, 1990.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Martins Fontes: São Paulo, 2006.
- MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*. Perspectiva: São Paulo, 1971.
- MURPHY, A. *Feminism and race theory*. In: *Merleau-Ponty: Key Concepts*. Org.: Diprose, R.; Reynolds, J. Routledge: Taylor & Francis Group, New York, 2008.

Recebido em: 25/10/2017

Aprovado para a publicação em: 20/11/2017